

# O terror, poder e Isidório

P. 12  
opinião



**JOSÉ SARNEY**  
Senador da  
República  
(PMDB-AP)

**O** grande problema para os partidos revolucionários é distinguir poder e realidade de governo. É aquilo que Orígenes Lessa consagrou em um dos seus livros famosos: o feijão e o sonho, a abstração e o mundo real. Foi dentro dessa visão que Bismarck sintetizou o dilema, consagrando a definição, tantas vezes repetida, de que a política é a arte do possível. Aqui, também, aceitando que política é governar.

Dentro de uma sociedade democrática, as coisas funcionam na convivência e acomodação dos diversos tipos de grupos de pressão, sendo que o grupo político reunido em partido quer

mais do que influenciar o governo, quer conquistá-lo.

Joaquim Nabuco, quando fez a biografia do seu pai no *Um Estadista do Império* — talvez um dos maiores livros deste país —, ao examinar a luta dos partidos e facções num tempo bem mais tranqüilo do que o nosso, constatou que “sem os exaltados não se ganham as revoluções, mas com eles é impossível governar”.

A Revolução de Outubro de 1917 na Rússia provou desse fel. Ela vinha embebida da recomendação de Marx, que, refletindo sobre o poder, dizia haver um só modo “de limitar, simplificar e localizar a sangrenta agonia da velha sociedade e as sangrentas dores do parto da nova, um só meio, o terror revolucionário”. De certo modo, repetia Robespierre, que, na Revolução Francesa de 1789, também pontificava: “O atributo do governo popular na Revolução é simultaneamente a virtude e o terror, a virtude sem a qual o terror é fatal, o terror sem o qual a

virtude é impotente”. Terminou na guilhotina.

Essa visão de que pela força se transformaria o mundo foi desmentida pela História. O socialismo comunista era uma idéia generosa, uma sociedade sem classes, a utopia da felicidade. O socialismo de estado matou a liberdade e esmagou os seus fins, pelos meios.

Hoje o mundo marcha para compatibilizar os ideais de justiça social sem matar a liberdade. Esta não pode ser, contudo, a filosofia do suicídio, como a segurança e a ordem não podem ser a bandeira do homicídio.

O socialismo está renascendo na luta para salvar o estado do bem-estar social contra os ataques do neoliberalismo e da globalização financeira. Mas isso só pode ser feito de maneira duradoura dentro da democracia. Os países europeus estão dando o exemplo. O socialismo moderno não é mais revolucionário, mas sim uma etapa final

da construção democrática.

Confundir governo com poder absoluto é o caminho mais próximo do desgoverno. Palocci agora deu uma lição. Em vez de tirar o FMI no tapa, que não tiraria e ficaria sem mão, tirou-o numa estratégia brilhante, sem as “dores sangrentas”. Maquiavel, que não é autor do meu agrado, dizia que as dificuldades, na política, podem ser manejadas de dois modos: pela força, “tarefa dos conquistadores”, ou pela “conciliação, através da negociação e do compromisso, tarefa dos estadistas”.

No meio de tudo isso, devemos compreender mas jamais pedir conselhos aos radicais.

Vê-se agora um exemplo desses: o deputado baiano Sargento Isidório viu estrelas com um toque de exame prostático, preventivo do câncer: “Quase desmaio. A maneira como foi introduzido aquele dedo foi horrível”.

Afinal, o terror não começa por aí e sim pelo pescoço.

01 ABR 2005

CORREIO BRAZILIENSE